

Entre céus e entrecéus desta viagem: a construção temporal em *Meu Tio Roseno, A Cavalo*, de Wilson Bueno

Between skies and halveskies of this travel: the temporary construction in *Meu Tio Roseno, A Cavalo*, ff Wilson Bueno

Aline Camara ZAMPIERI⁴¹

RESUMO: A produção literária *Meu tio Roseno, a cavalo*, do escritor paranaense Wilson Bueno, narra a história de Roseno, tio do narrador, o qual parte de Guairá e vai até Ribeirão do Pinhal para assistir ao nascimento de sua filha Andradazil. O herói viaja sete céus (dias) e seis entrecéus (noites) no lombo de seu cavalo Brioso, que muitas vezes aparece dotado de asas. O protagonista Roseno tem seu nome alterado conforme os lugares por onde passa e pelas sensações que sofre, sendo Rosemundo, Rosevéu, Rosevino, entre tantos outros. Perpassam pela narrativa, também, duas guerras: uma passada na infância do tio, e outra futura, na qual sua filha Andradazil atua como protagonista. O tempo do narrador confunde-se com os tempos das personagens, o passado e o futuro misturam-se, na narrativa, ao tempo presente. Ademais, o discurso narrativo, por meio de metáforas, resgata diversas obras da tradição literária que parecem construir um enigma ao longo da obra. Enigma que pretendemos decifrar na medida em que analisaremos os processos temporais da narrativa a partir dos postulados teóricos de Eric Auerbach (1976), Gérard Genette (1972), Benedito Nunes (2003) e Jean Pouillon (1974).

PALAVRAS-CHAVE: Tradição literária; Narrador; Construção temporal.

ABSTRACT: The literary production *Meu tio Roseno, a cavalo*, of Wilson Bueno writer, tells Roseno's story, the narrator's uncle, who leaves Guairá and goes to Ribeirão do Pinhal to attend his daughter Andradazil's birth. The hero travels seven skies (days) and six halveskies (nights) atop his horse Brioso, that sometimes appears with wings. The protagonist Roseno has his name changed according to the places he goes and the feelings he feels, being Rosemundo (Roseworld), Rosevéu (Roseviel), Rosevago (Rosevague), among others. Two wars pass through the narrative, one occurred in the uncle's childhood, and other in the future, which his daughter Andradazil is leading figure. The narrator's time mixed up with the characters' times, the past and the future are mixed with the present in the narrative. Besides, the narrative speech, through metaphors, salvages several works of the literary tradition that seem to build an enigma along the work. Enigma that we intend to decipher as we analyze the temporary processes of the narrative starting from the theoretical postulates of Auerbach (1976), Genette (1972), Nunes (2000) and Pouillon (1974).

KEY WORDS: Literary Tradition; Narrator; Temporary Construction.

⁴¹ Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Doutoranda em Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; E-mail: aline.zampieri@outlook.com.

1. INTRODUÇÃO

A obra do escritor paranaense Wilson Bueno *Meu tio Roseno a cavalo*, publicada em 2000, foi finalista do Prêmio Jabuti de Romance em 2001. Como já dito no resumo, a história é narrada em terceira pessoa pelo sobrinho do protagonista Roseno, que saindo de Guairá vai até Ribeirão do Pinhal com o objetivo de assistir ao nascimento de sua filha com a bugra retinta Doroí: Andradazil.

O herói viaja sete dias e seis noites, que são indicadas respectivamente pelas expressões céus e entrecéus, num ritmo de cavalgada ao lombo de seu zaino Brioso. De acordo com Benedito Nunes (2000), Roseno é um personagem em viagem, a quem pertenceriam as lembranças, tantas, que o narrador vai recolhendo, embora tenha ele, narrador, nascido na década de 40, muito depois do caminho percorrido pelo tio. E, acrescenta que o romance é um gênero de fronteira, pois passa de lugar a lugar como de língua a língua (português, espanhol e guarani), unindo e separando a história do tio e a do sobrinho narrador, no limite entre a lembrança retrospectiva e a percepção comum, reelaborados pela força de linguagem.

Tão intrigante quanto o narrador, cujas memórias se misturam ora às suas, ora às do protagonista, ora às obras da tradição literária, é a forma como é construído o tempo dentro da narrativa. Tempo que embora seja marcado pelos céus e entrecéus da viagem do tio, retrocede à infância do protagonista e avança a fase adulta de Andradazil. Esse, algumas vezes, é cronológico, outras se dá de modo psicológico no interior dos personagens ou do próprio narrador, conforme discutiremos na análise a seguir.

2. A CONSTRUÇÃO TEMPORAL DA OBRA

Em *O tempo no romance*, Jean Pouillon (1974) diferencia dois grupos de romances: os romances da duração e os romances do destino. Dentro dos romances da duração, o teórico distingue mais dois grupos a partir da análise das narrativas de Stendhal, Galsworthy, Proust, entre outros. O primeiro é constituído de romances que carecem de uma chave, que é a psicologia, para que seja compreendido o seu desenvolvimento temporal. Já o segundo grupo é formado por romances em que este desenvolvimento não necessita de nenhuma chave, já que é ele (o tempo) quem tudo explica.

A esse primeiro grupo de romances, o qual não exige uma estrutura do tempo determinada e cuja duração dos acontecimentos não se encadeiam mecanicamente, sendo necessário apenas que entre eles se interponham reações psicológicas, julgamentos e sentimentos, pertence à obra *Meu tio Roseno, a cavalo*, conforme podemos observar no excerto abaixo.

Andradazil. Nome esquisito, e necessário, segundo a cigana, para que Andradazil forjasse no barro daqueles ermos a sua índole de cão. Isto a cigana não disse mas era como se dissesse, do modo e jeito como decifrava meu tio Roseno aquela profecia, agora que rumo a Ribeirão do Pinhal, e a Doroí, seu amor bugre retinto, ao manso dos olhos dela, azul, pudesse segurar nos seus braços de homem aquele toco de gente marcado para crivar de bala toda a Guerra do Paranavaí, muitos anos depois deste céu que hora embala e sossega, melhor ainda agora ao trote ronceiro de Brioso, cavalinho bom, comprado na feira de Araré, um dia de cachaça, sanfona e capação de galo. (BUENO, 2000, p. 14).

O trecho é marcado por retrospecções e por prospecções. A profecia feita pela cigana, indicando o futuro, as lembranças do dia em que Brioso foi comprado, marcando o passado, em pensamentos que não se sabe ao certo se são do tio ou se são do narrador. As prospecções (futuro) e as retrospecções (passado) são intrínsecas ao presente da narrativa, que é a viagem do tio. As previsões e as lembranças nos oferecem pistas para que possamos compreender a busca do tio e/ou do narrador.

Enfatizamos que na obra de Bueno não são feitas apenas evocações ao

passado, mas também ao futuro. Vivenciamos em uma única história várias outras histórias. Desde os antepassados da personagem, seu romance com Doroi e a predestinação de Andradazil:

Índios contra vaqueiros, peões contra fazendeiros, o povo contra a polícia, sitiante e invasores, na Guerra do Paranaíba. Andradazil de generala – três divisas no ombro, e uma coroa do Santo Império, nesta que já a Guerra do Paranaíba, nem queiram, ainda antes de março de mil novecentos e quarenta e nove, aquele tempo em que, não nascido, a gente era como que impassível no nada que nunca houve debaixo do céu. (BUENO, 2000, p. 45).

Há, acima, uma descrição da Guerra do Paranaíba, que ocorre anos depois da viagem de Roseno. Guerra na qual Andradazil – já nascida – é generala. Nos perguntamos: serão estes pensamentos do tio ou do sobrinho-narrador? Narrador este que ainda nem tinha nascido. Para Pouillon (1974), nos romances “com”, cujo tempo é fictício, o ritmo é acelerado. Normalmente é um ritmo sentimental, no qual as situações expostas só têm importância devido às reações, sentimentos e ideias da personagem. Por isso, alguns fatos são contados rapidamente enquanto outros são alongados.

Não longe o Aquidaban-Nigui, ouro barro, memorioso, que passa na beira do túmulo de López, proximidades do rancho de um compadre Diegue, tapera ornada de flor no país do Paraguai. Com o entardecer que faz sobre a cabeça, mais um motivo para compreender tudo, e o que este céu tem para dizer, agora que imensas as nuvens se estiram, douradas-velhas, chumaços coral e âmbar, aqui e ali desmaiando num quase lilás ou ascendendo às tintas de roxo supremo, transgressor. (BUENO, 2000, p. 14).

Vemos um tempo psicológico que passa rapidamente pela lembrança da casa do compadre Diegue e outro que se alonga na descrição da paisagem. Pensamentos ou evocações que não alteram os acontecimentos narrativos, mas descrevem as emoções da personagem, que são ativadas conforme os lugares por

onde passa. Essas emoções para Pouillon (1974) presidem a evolução psicológica da personagem e, por conseguinte, constitui a chave para a compreensão das relações temporais e, conseqüentemente, da narrativa.

Destaque-se que, em *Meu tio Roseno, a cavalo*, o grande enigma é Andradazil. As pistas as quais revelam a profecia feita pela cigana⁴² são deixadas à medida em que é relatada, mesmo que de modo obscuro, a Guerra do Paranaíba.⁴³ Num monólogo interior, o relato se processa na narrativa de Bueno em sonhos, desejos e impressões do tio ou do narrador. Vemos aqui a importância do monólogo interior no romance de Bueno, que parece revelar o mistério de Andradazil.

A esse respeito o teórico enfatiza que: “o monólogo interior surge como o verdadeiro romance do tempo” (POUILLON, 1974, p. 134). Situa a análise dessa característica no estudo dos romances em que a evolução preside a psicologia. E que, se mostrando aos poucos, ofereceria uma chave para o significado das relações temporais. Contudo, uma obra redigida apenas por monólogos interiores não oferece uma total compreensão de si. Para que esta seja adquirida é necessário estar “por detrás” do herói, relacionando-o, assim, a um segundo tipo de romance.

Os romances “por detrás”, para Pouillon (1974), implicam não só em relacionar qualidades e defeitos psíquicos (caráter) aos personagens, como ocorriam nos romances psicológicos. Mas, também, no aparecimento de um destino que vem exigir uma concepção da sucessão temporal. Nesse sentido, indagamos: o que a viagem de Roseno, para assistir ao nascimento de Andradazil, teria a ver com todo seu destino subsequente? O que teria a Guerra do Itacoatiara, guerra da infância do tio, a ver com a Guerra do Paranaíba?

Ainda de acordo com o estudioso, o objetivo do romancista é proporcionar o entendimento de uma sucessão temporal verossímil. Na narrativa de Bueno, a sucessão de céus (dias) e entrecéus (noites) é verossímil, ainda que metaforizada,

⁴² De que Andrazil forjaria “no barro daqueles ermos a sua índole de cão”. (BUENO, 2009, p. 14)

⁴³ Guerra na qual Andradazil é musa e guerreira.

pois a viagem de Roseno (narrativa principal) ocorre cronologicamente. Já os destino de Andradazil e de Roseno – passado e futuro – são apresentados de modo incertos, obscuros, inexatos. Além disso, não sabemos se são apenas devaneios do tio ou se são lembranças que foram relatadas ao narrador.

Nesse viés, parece-nos, que a obra *Meu tio Roseno, a cavalo* não dá demasiada importância à sucessão temporal, pois é a partir viagem do tio que surgem as histórias do passado e do futuro das personagens, bem como as intertextualidades com a tradição literária. Afinal, “ainda que o tempo não conte nesta fábula de montaria, só as léguas de um céu a outro entrecéu varadas pelas asas de nosso cavalo” (BUENO, 2000, p. 23). De modo semelhante, ocorre a “negação” do tempo nos relatos bíblicos, conforme analisadas por Eric Auerbach (1976), em *Mimesis*.

No capítulo “A cicatriz de Ulisses”, Auerbach (1976) diferencia os épicos gregos dos relatos bíblicos, tomando como exemplo a cena em que Euricléia lava os pés de Ulisses, reconhecendo seu amo, no Canto XIX de *Odisseia* e a passagem bíblica do sacrifício de Isaac, filho de Abraão. Entre outros aspectos, o estudioso distingue o tempo destes dois tipos de narrativas. Para ele no épico homérico tudo é narrado em perfeita conformação de todas as coisas, não deixando nada no escuro ou omitido. As retrospectões, o desfile dos fenômenos passados, ocorrem sempre em primeiro plano, ou seja, sempre em pleno presente espacial e temporal. Já as narrativas do Velho Testamento, também chamadas de Eloísta, são construídas de maneira enigmática, confusa e obscura. É o que acontece na narrativa de Wilson Bueno (2000), cujo tempo é marcado apenas pelas expressões céus e entrecéus e reconhecido pelas descrições das paisagens do caminho.

Para Auerbach (1976), no relato bíblico só é acabado formalmente aquilo que interessa à meta da ação. Pensamentos e sentimentos permanecem inexpressos, sugeridos apenas pelo silêncio e por discursos fragmentários. O todo, dirigido com máxima e ininterrupta tensão para um destino, permanece enigmático e carregado de segundos planos. Tal como no relato bíblico, a última cena da obra, quando o tio chega à Riberão do Pinhal e não encontra Dorói.

Ô, Nhô! Cadê a bugra, Nhô? Cadê Andradazil?” – “Quê? Quem?” – “Andradazil, negra.” – “Os soldados, são Roserno... Os soldados...” – “Quê que fizeram com ela negra dos diabos? Desembucha!” – “Levaram ela.” – “Levaram? Levaram quem?” – “Levaram Doroí, e Dradarzil na barriga da Doroí, seô Rosimeno” – “E Andradazil não nasceu não negra do inferno? Ainda que não, bicho preto?” – “Nasceu, não, seô Rosirvo, nasceu não.” – “E pra onde que levaram elas, mostra?” – “Pra muito longe, seô Roseno” – “Longe pra onde, bizonha?” – “Diz que longe pra guerra do Paranavaí” (BUENO, 2000, p. 80)

Fica, então, a pergunta: o que acontece com Roseno, Doroí e Andradazil? Será que o tempo futuro de Andradazil na Guerra é real? Ou será apenas imaginação de Roseno? O que acontece depois é omitido, como se constata nas últimas frases do término do livro: “O sétimo céu desta fábula estrela, vês?, tão sucinto, de novo entardece – só uma linha e a fimbria do horizonte.” (BUENO, 2000, p. 80).

Outro estudioso sobre o tempo é Gerard Genette. No capítulo sobre a “Voz”, de *Figuras*, afirma que uma história não se dá sem que haja uma parte de discurso. Para o teórico francês, uma situação narrativa é um conjunto complexo no qual a análise ou a descrição só pode distinguir retalhando-a em um tecido de relações entre o ato narrativo, os seus protagonistas, as suas determinações espaciotemporais, as suas relações com outras narrativas implicadas na mesma, etc. Ele considera alguns elementos de definição, cujo real funcionamento é simultâneo, religando-os no essencial às categorias do tempo de narração, do nível narrativo e da pessoa. Isto é, a relação entre o narrador e seus narratários.

Para Genette (1972), as determinações temporais da instância narrativa são mais importantes que as determinações espaciais. A primeira consiste na posição relativa em relação à história. Distingue quatro tipos de posição temporal na narração: *ulterior* (posição clássica da narrativa no passado); *anterior* (narrativa predictiva, geralmente no futuro, e que também pode ser conduzida no presente); *simultânea* (narrativa no presente, contemporânea da ação) e *intercalada* (entre os momentos da ação).

Na obra em análise é perceptível três posições temporais na narração: a ulterior, a anterior e a intercalada. Para o teórico, o primeiro tipo é aquele que preside a imensa maioria das narrativas produzidas até hoje. Nele, o emprego de um tempo do pretérito basta para designá-la como a tal, sem por isso indicar a distância temporal que separa o momento da narração do da história.

De acordo com o teórico, na narrativa clássica a distância é indeterminada, sendo o pretérito marcado como uma espécie de passado sem idade: a história pode ser datada, como acontece já no primeiro parágrafo da obra de Bueno: “O dia em que meu tio Roseno montou o zaino Brioso e tocou de volta para Ribeirão do Pinhal, ainda não era o dia em que nasci, aquele treze de março de mil novecentos e quarenta e nove” (BUENO, 2000, p. 13). Assim, o sobrinho-narrador distancia-se da história que irá narrar utilizando um tempo marcado pelo pretérito e pela indeterminação: “ainda não era o dia em que nasci” (BUENO, 2000, p.13).

Para Genette (1972), a narração anterior apresenta um investimento literário muito menor que os outros e pertence ao gênero profético, ou seja, sugere uma profecia, uma predestinação. É o que ocorre no fragmento abaixo, que prenuncia a atuação de Andradazil na Guerra fictícia do Paranaíba, antes mesmo do seu nascimento.

A Guerra do Paranaíba, nem queiram: Andradazil e o mouro louco, seu amo, o embruxado Eusébio; o crepúsculo guardado dentro de uma caixa de madeira, para se ir gastando aos poucos até a caixa ficar de novo completamente vazia; flautas-serpentes e serpentes corcoveantes; entre dois fogos, cerrada fileira de balas, metralhas, garruchas, escopetas, os valentes desta guerra seus acabados heróis, e a fila de prisioneiros, mãos na cabeça, batidos e humilhados, em fila feito fossem judeus, os cento e cinquenta e oito soldados capturados vivos na Guerra do Paranaíba onde, de nosso lado, só formava a guerrilha, o tiroteio, e era bala, bala e bala, Andradazil sendo a musa de todo teatro de operações, aberto facão o mato cerrado, muitos anos depois de 1943, com a saudade que isto causa no coração de um homem. (BUENO, 2000, p. 29).

O estudioso ressalta que muitas vezes, a narração predicativa situa-se em meio à clássica, levando-nos a apontar, também, outro tipo de posição temporal: a intercalada, como podemos observar abaixo:

Como lhe sairá o nariz, de Andradazil? E o que de olhinhos mais vis!? Azuis? A boquinha rasgada é de meu tio, Roseno; a cabeça achatada, da bugra retinta Doroí, sua mãe. Que tão pequitinha a menina Andradazil! Mas não se fiem, contudo, na candura dela entrevista ao longe, ao trote já aldejado de Briosso (...) será dela, de Andradazil, toda aquela guerra por guerrear, a guerra toda da guerra do Paranaíba. (BUENO, 2000, p. 21).

No trecho acima, presente e futuro misturam-se. Assim como as vozes do narrador e da personagem Roseno. O protagonista imagina, no tempo presente, como será fisicamente sua filha; enquanto, o narrador, num tempo futuro à narrativa, anuncia a importância de Andradazil na Guerra do Paranaíba. Gerard Genette (1972) enfatiza que a posição temporal intercalada é o tipo mais complexo. Trata-se de uma narração de várias instâncias em que um tempo se mistura ao outro, a ponto de um reagir sobre o outro, conforme vimos no trecho acima.

Destacamos que no trecho citado Andradazil parece remeter a Helena de Troia. Segundo a lenda grega, no final de um banquete no Olimpo em honra a Tétis, surge, sem ser convidada, Éris (a deusa da discórdia), que tira da túnica uma maçã de ouro e lança-a sobre a mesa, exclamando ser um presente para a mais bela das deusas e desaparece. As três deusas que estavam na mesa – Palas, Hera e Afrodite – estendem a mão para o reluzente objeto, mas logo se contêm porque Zeus intervém. O deus dos deuses afirma que o único meio de saber qual é a mais bela seria escolhendo entre os mortais um árbitro. O escolhido foi o jovem rebento de Príamo, o príncipe Páris Alexandre.

Numa bela manhã, o rapaz vê aparecer diante de si as três deusas que lhe deram o pomo e elas lhe explicam o que desejam dele: que escolhesse entre elas a mais bonita. Cada uma delas fez-lhe uma promessa. Palas prometeu-lhe a sabedoria;

Hera o poder; e Afrodite a mais linda mulher do mundo. Páris hesitou e entregou o pomo a Afrodite.

Entretanto, Helena, a mais bela entre as mortais, era mulher de Menelau (rei de Esparta e irmão de Agamenon). Guiado por Afrodite, Páris chega até Esparta, onde é recebido cordialmente como hóspede por Menelau. Mas, naquela mesma noite, foge com Helena – que fora seduzida pelo jovem príncipe com ajuda de Afrodite –, furtando tudo o que havia de precioso na casa do hospedeiro. Eis, então, o motivo para a Guerra de Troia, que durará dez anos.

Assim como Helena foi o motivo de toda a Guerra de Troia, Andradazil parece ser a causa de toda a Guerra futura do Paranaíba: “[...] será dela, de Andradazil, toda aquela guerra por guerrear, a guerra toda da Guerra do Paranaíba.” (BUENO, 2000, p. 21).

Gèrard Genette (1999) denomina *anacronias* as alterações de ordem cronológica dos acontecimentos. Elas, as anacronias, indicam que o recuo pela evocação de momentos anteriores, como também o avanço pela antecipação de momentos posteriores aos que estão sendo narrados, são denominados, respectivamente, de analepse (retrospecção) e prolepse (prospecção), enquanto formas de discordância entre as duas ordens temporais do discurso e da história. Abaixo seguem trecho da infância de Roseno – no tempo da Guerra do Itacoatiara – o qual podem ser lido como recursos anacrônicos de analepse segundo o estudo de Genette:

Rosenunes nasceu com a ventania, ouvindo o vozeio atrapalhado da língua paraguaya, seu mais clamante guarani; brigando menino, de garrucha amarrada no braço feito o braço cuspiu o polvaréu que já pipoca e dedilha a poeira no chão; fazendo lança do galho caraná, a ponta envenenada com o jequitiri cozido no unguento na dedaleira, mortal, curare, e brincando de igual o índio que não era. (BUENO, 2003, p. 47).

No que tange aos recursos anacrônicos de prolepse em *Meu tio Roseno, a cavalo*, destacamos os trechos que remetem à Guerra do Paranaíba, que ocorre num tempo futuro da narrativa. As imagens desta Guerra ocorrem num tempo antes de 1949, ano do nascimento do sobrinho-narrador e muito tempo depois da viagem de Roseno na pretensão de assistir ao nascimento de sua filha Andradazil. Esta, já nascida, parece lutar na Guerra, conforme no trecho a seguir.

Índios contra vaqueiros, peões contra fazendeiros, o povo contra a polícia, sitiante e invasores, na guerra do Paranaíba. Andradazil de generala – três divisas no ombro, e uma coroa do Santo Império, nesta que já era a Guerra do Paranaíba, nem queiram, ainda antes de março de mil novecentos e quarenta e nove, aquele tempo em que não nascido, a gente era como que impassível no nada que nunca houve debaixo do céu. É que antes de nós o mundo não era e nem era a Guerra do Paranaíba. Esta a guerra foi depois. (BUENO, 2003, p. 45).

Destacamos aqui que Andradazil usa três divisas no ombro e uma coroa do Santo Império. As três divisas no ombro indicam a patente, o posto ao qual a personagem pertence. Já a coroa, segundo Chevalier e Gheerbrant (1999), indica que a pessoa que a carrega é possuidora de um dom vindo do Alto. “Ela assinala o caráter transcendente de uma realização qualquer bem sucedida. Sua forma circular indica a perfeição e a participação da natureza celeste, de que o círculo é o símbolo.” (CHEVALIER & GHERBRANT, 1999, p. 289).

Na sequência, Chevalier e Gheerbrant (1999) afirmam ser a coroa, real ou sacerdotal, ornamento usado por reis ou sacerdotes. Andradazil aparece em *Meu tio Roseno, a cavalo* mais do que como uma simples generala; ela é coroada por seus feitos na Guerra do Paranaíba, e não carrega qualquer coroa, mas a coroa do Santo Império, a qual era utilizada pelos imperadores romanos, ressaltando a importância e o heroísmo da personagem.

Em *Meu tio Roseno a cavalo* as antecipações e retrospectões fazem com que a narrativa adquira um tom misterioso, pois, não sabemos ao certo, se são as retrospectões e prospecções são do sobrinho-narrador, ou da personagem Roseno.

No que tange aos recursos anacrônicos, enfatizamos que as antecipações e as retrospectões diferem entre si quanto ao seu alcance – período de tempo que ocupam a partir do momento em que começam –, e a sua amplitude – a duração do evento que introduzem, alcançando ou não o evento principal –, podendo interferir, pelo aporte de um novo conteúdo, na narrativa primeira, cujas lacunas servem também para completar.

É fácil admitir um texto narrativo sem anacronias e difícil imaginá-lo sem alguma espécie de variação de velocidade — sem anisocronias, ou seja, sem a diferença proporcional de duração entre os dois tempos: o da história (diegese) e o do discurso. Existem variações da duração da narrativa. São elas: o sumário, a elipse, o alongamento e a pausa. O sumário é o recurso que abrevia os acontecimentos num tempo menor do que o de sua suposta duração na história. Esse recurso não aparece com muita frequência na obra de Wilson Bueno, que se caracteriza pela riqueza de descrições. Contudo, a primeira noite de viagem é descrita numa só frase: “E nosso tio Rosevalgo nada mais pensou, senão em Andradazil e todo o subsequente destino.” (BUENO, 2003, p. 19).

No trecho acima o narrador resume o restante do dia da personagem em uma única frase, destacando a importância de Andradazil para Roseno, ao mesmo tempo que omite o “subsequente destino”, como se o leitor não só soubesse, mas estivesse presente no tempo futuro da narrativa.

Já no alongamento, o discurso dura mais que a história. O trecho abaixo da obra relata a saída de Roseno de Guairá, uma cena que poderia ser narrada em poucas palavras, mas é rica em detalhes e alonga o discurso.

Veio vindo assim nem que um ouro desmaiado de um baio, a luz do sol que se põe numa vertigem de entardecer fulvo, longe as montanhas azuis. Roseno, meu tio, a primeira coisa que pensou, a trote lento na quase maciez do zaino, foi num segredo: o da cigana que lhe dissera, com rude presteza, e cru mistério, que, desta vez, Doroi ia lhe dar um filho, uma filha por ser mais certo, e que chegasse a tempo para batizar a menina com o nome de Andradazil. (BUENO, 2003, p. 13-14).

A riqueza de detalhes nas descrições, como as associações das cores – o ouro e a luz do sol – e dos gestos – a lentidão e maciez do trote de Brioso – provocam no leitor a sensação de estar dentro da narrativa. Aproximando, como no sumário, leitor, narrador e narrativa.

Um movimento requer paragens e interrupções assim como a narrativa requer pausas e elipses. O tempo da história pára e o discurso prossegue na pausa que corresponde à descrição, como no trecho em que o narrador descreve a figura do índio Avevó.

De repente, ali, à frente de tio Rosilvo e seu cavalo, o guarani, quase gordo, Avevó, de ralos cultivados bigodes, o guarani Ambotá – cabelo a corrido dos lados, a cintura em pança trançada de faca e facões. Os dentes, limados ao extremo da agulha, luziam. (BUENO, 2003, p. 15).

Vemos que o trecho exige a pausa em um fato – cavalgada de Roseno – para que se conte um outro acontecimento – o encontro com o guarani Avevó. O trecho torna a narrativa mais atraente, pois prende o leitor a um novo episódio.

Podemos afirmar que o sumário, a digressão, e a elipse são figuras retóricas e que exercem, como mecanismos básicos da economia de tempo, uma função estruturante. Consideradas em conjunto com as mudanças operadas pelas anacronias, também mostram que uma das funções da narrativa é cambiar um tempo por outro, e que por isso ela, de acordo com Benedito Nunes (1992), é um mecanismo de transformações temporais.

Outra característica temporal em *Meu tio Roseno, a cavalo*, discutida por Nunes (1992), é a simultaneidade. Esta, sujeita à linearidade do signo linguístico, ao caráter consecutivo da linguagem verbal e a narrativa literária, que conta com a força do imaginário, mas sem a presença atual da imagem cinematográfica, representa acontecimentos simultâneos na ordem sucessiva. Criada mediante artifícios e

convenções, a ilusão da simultaneidade ocorre quando o tempo da história se desdobra no espaço ou quando o enredo constui-se de multiplas histórias, que se passam em diferentes unidades espaço-temporais.

No primeiro caso, destacamos o episódio em que, na segunda noite de viagem, Roseno acampa no cemitério da Serrinha do Gruxu, onde houve um grande combate. A visão do cemitério leva o narrador a descrever as atrocidades cometidas ali.

Vacilante, movediço, o cemitério em cruz da serrinha do Gruxu, sombra lunar, que a noite engole, vulto, o macabro das cruces enfileiradas, a brisa no esgarço dos lenços verdes, recortou-se inteiro num entendimento ante os olhos do nosso tio. Mais que campo de execução e justicamento feito bugres que deixam atrás de si, para serem reconhecidos, arcos e flexas, cocar e bodoques, conforme a linguagem da ocasião, aquilo era um modo de falar, desarvorado, ninguém tivesse dúvida, do Parnanguara, um tal Sizenó, filho de índios do litoral, e enfiado naquelas brenhas desde o começo. Tinha o risco de uma cicatriz no queixo o Sissenó, nosso inimigo. Ali Deus havia esquecido toda a maldade. Cruento, brigador, Sizeneno deixava, sempre em horror e morticídio, o seu rastro, contratado dos fazendeiros, guardião dos latifúndios, Sinzénó, o Parnanguara. Bisca de ruim, maléovolo até o tutano (...) acuava o povo dos inocentes, inventando novo crime a cada vez. Ali os crucificados, mais adiante os enterrados vivos, e lá no começo da Guerra do Itacoatiara, será que exageravam? (BUENO, 2003, p. 25-26).

A seguir um trecho pelo qual perpassam o tempo principal da narrativa (viagem de Guairá até Ribeirão do Pinhal), o tempo de quando Roseno e Doroí eram mais jovens e o tempo em que ele confessa ao padre suas relações íntimas com a bugra.

Doroí. Está sempre indo para Doroí, a bugra de olhos azuis por quem seu coração, desde cedo, entregou-se, o macio das carnes e das unhas lhe arrancando a pele das costas, bichos engrouvinhados em si, comendo-se. Ao menos uma vez confessou ao padre se aquilo não eram sem-vergonhices, ao que o padre confirmou, mas Rosenedes jamais conseguiu não repetissem, posto que, em Doroí, a chama; um homem não queira o que de fogo, e todos os desassossegos. (BUENO, 2003, p. 67).

Destacamos os olhos azuis de Doroi. Olhos que por um lado indicam a mistura de raças, o branco e o índio, e por outro lado insinuam a Doroi uma imagem celestial. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2002), os olhos representam a percepção intelectual e espiritual, enquanto a cor azul alude a um tom celestial e virginal. Lembrando-nos, também, do manto azul que cobria Maria, mãe de Cristo. Assim, a narrativa parece conferir a Doroi um aspecto celestial, embora o trecho acima ressalte um aspecto carnal.

Além dos tempos expostos nos três últimos trechos, ocorrem simultaneamente, conforme as situações narrativas, o tempo de Roseno menino, de seus pais e irmãos, bem como o tempo futuro (a narração principal) da Guerra do Paranavaí no qual Andradazil, já nascida, figura como protagonista.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, até aqui, que tão abrangente quanto o estudo do tempo são os tempos que perpassam em *Meu tio Roseno, a cavalo*. Até aqui, vimos que o tempo cronologicamente impreciso se mistura aos tempos passados e futuros das personagens e do narrador, conforme a narrativa evolui. O romance é ainda mais rico, no que tange a questão do tempo, das personagens, do narrador e das metáforas. Metáforas estas que fazem alusão a grandes clássicos literários. Elementos que parecem construir uma nova interpretação à obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Eric. A cicatriz de Ulisses. In: _____. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. de George Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 01 - 20.

BUENO, Wilson. *Meu tio Roseno, a cavalo*. São Paulo: Editora 34, 2000.

CALVINO, Ítalo. Leveza. In: _____. *Seis Propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.13-41

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote: o cavaleiro da triste figura*. Adaptação de José Angeli. São Paulo: Scipione, 2001.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 14. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

GENETTE, Gerard. *Figuras*. Trad. Ivone Floripes Mantonelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.p. 99 - 259

HESÍODO. *Teogonia a origem dos Deuses*. Estudos e tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2003.

HOMERO. *Odisséia*. Trad. Jaime de Bruna. São Paulo: Cultrix, 1998.

MEGALI, Heitor. *A demanda do Santo Graal*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999.

NUNES, Benedito. Meu tio Roseno, a cavalo. In: BUENO, Wilson. *Meu tio Roseno, a cavalo*. São Paulo: Editora 34, 2000. 1ª e 2ª orelhas.

_____. *O Tempo na Narrativa*. São Paulo: Ática, 2003.

POUILLON, Jean. *O tempo no Romance*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1974.

VERÍSSIMO, Érico. *Um certo Capitão Rodrigo*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

Recebido em 29/01/2017.

Aceito em 20/03/2017.